

Carlos de FREITAS

E' MOÇO e chama-se Carlos de Freitas. Nome todo: Luiz Carlos de Freitas. Data e local de nascimento: 1918 no interior do município de Rosario do Sul no Rio Grande. Gaucho e fronteiriço, este reporter agil, honesto e corajoso milita na imprensa paulista, onde possui uma bela folha corrida de reportagens.

Tem o curso ginásial completo. Quis estudar Direito, mas ficou no 2.º ano do Pré-Jurídico, isto em Porto Alegre, onde andou sonhando sonhos bons de advogado estabelecido na praça.

Já no ginásio, as aspirações eram difusas num misticismo oratório, pois foi aspirante ao Ministério da Igreja Metodista, tendo chegado a ser um pregador bastante conhecido em certas cidades do Interior.

VEIO a guerra e o belico gaucho com aspirações de briga ingressou na Brigada Militar, frequentando cursos na sua escola de preparação de oficiais. Desiluído do militarismo, o civil Carlos de Freitas foi trabalhar num escritório comercial e depois como redator e proprietário de uma agência de publicidade.

Em 1948, ingressou no jornalismo, isto no Rio. Veio feito, como se costuma dizer, para a imprensa paulista onde logo brilhou. Estava enjoadado da «fala chiada» dos cariocas e aqui trabalhou nas «Folhas», «Revista do Globo» e Radio Excelsior, onde tentou fazer bom rádio.

CONHECE grande parte do Brasil, por onde tem viajado à custa das suas grandes reportagens.

Carlos de Freitas, como amante da verdade, não gosta de escrever matéria paga, mesmo com prejuízos materiais. Combate Getúlio desde os 16 anos; só usa gravata amarela, mora sozinho numa casa mobiliada; gosta de entrar no cinema no meio do filme para descobrir como foi o começo e adora crianças.

Escreve um livro de ficção, que pretende publicar ainda este ano.

O Tempo, S. Paulo, Supl., 30-5-1954

MAVIOSO poeta, um dos nossos maiores líricos de todos os tempos, esse modesto Cleomenes Campos,



que há mais de vinte anos deixou de publicar livros, desgostoso e desencantado com a invasão dos

truculentos moços modernistas, os tais poetas «profundos», nasceu em Maroim, Sergipe, aos 10 de agosto de 1895.

Residiu uns tempos em Capela, onde seus pais possuíam um engenho, o famoso Carvão, onde o romancista Amando Fontes foi buscar inspiração para escrever o mais famoso romance moderno da literatura sergipana, aquele dramático «Os Corumbas».

Capela, em Sergipe, é um pedaço da infância de Cleomenes Campos, que agora, depois de um longo e tenebroso silêncio, vai voltar à poetica nacional, enriquecendo-a com a publicação próxima e já anunciada para este ano, de «Zabelê», uma sinfonia pastoral, belo romance poético, cheio de cantos líricos e singulares, autêntica rapsódia de motivos sergipanos engrandecidos por um «coração encantado», que na «humildade», «de mãos postas», fez mais um «livro de amor», desse amor grande e humano, que só pode mesmo reinar no coração de um grande poeta.

Cleomenes Campos, hoje um fiscal aposentado do imposto de consumo, amando muito na vida não se consumiu de amor, isto é, permaneceu solteiro, vivendo com seus livros em companhia de uma abnegada irmã, essa Guiomar que os íntimos do poeta conhecem e admiram em sua residência, numa certa rua em Pinheiros.

Tremendamente culto e cultor da forma, Cleomenes Campos, duas vezes premiado pela Academia Brasileira de Letras, onde devia estar ao lado de um Olegário Mariano, publicou os seguintes livros: «Coração Encantado», 1923; «De Mãos Postas», 1926; «Meu Livro de Amor», 1931; «Humildade», 1931 e «Sonata do Desencanto», 1950.

O Tempo, S. Paulo, 2. 5. 1954

190

GODOFREDO RANGEL

AGORA, neste canto de perfiledos, desfila um morto.

Um grande morto das letras nacionais, que nasceu em Três Corações, no Estado de Minas Gerais, a 21 de novembro de 1884 e falecido em Belo Horizonte, a 5 de agosto de 1951, trazia no registro civil o sonoro nome de José Godofredo de Moura Rangel.

Godofredo Rangel, que na vida foi um humilde e um grande escritor, injustamente anda meio esquecido, embora nunca tenha sido mesmo um escritor de grande publico.



REAL talento, estilista comedido, pertence ele à classificação de «escritor caligrafico», segundo o belo estudo introdutorio de Antonio Candido inserto na edição de «A Falange Gloriosa», romance de Godofredo Rangel, editado pela Melhoramentos, inaugurando sua coleção de «Ficção Nacional», que ainda promete deste autor, na mesma coleção, «Vida Ociosa» e «Os Bem Casados».

Tradutor consciente e laborioso, professor de cidades do Interior, formado em Direito, Godofredo Rangel era senhor de uma vasta e bela cultura.

Grande amigo de Monteiro Lobato, conforme aquele delicioso «A Barca de Gleyres» nos revelou, Rangel pertenceu e brilhou no «Minarete», continuando pela vida a fora o «escolhido» epistolar dos arroubos lobatianos.

O Tempo, S. Paulo, 16.5.954

POESIA BRASILEIRA MODERNA ANTOLOGIA DA GERAÇÃO DE 45

Milton de Godoy Campos

X

GEIR CAMPOS: — Nasceu em 1924, em São José do Calçado, no Espírito Santo. Serviu durante a II Grande Guerra na Marinha Mercante de nosso país. Reside no Rio de Janeiro.

Participou do I Congresso Internacional de Escritores realizado em São Paulo em 1954. Colaborador da Revista de Poesia. Incluído nas seguintes antologias: — Panorama da Nova Poesia Brasileira — Fernando Ferreira de Loanda; Orfeu — Rio, 1951; Apresentação da Poesia Brasileira — Manoel Bandeira — 2.ª Edic. — Rio, s. data; Antologia da Poesia Brasileira Moderna — Carlos B. Kopke — São Paulo, 1953; "An Introduction to Modern Brazilian Poetry", de Leonard S. Downes.

BIBLIOGRAFIA — Rosa dos Rumos, 1950 — Poemas de Rainer Maria Rilke (tradução) — Coleção Rubayat — Rio, 1953; Coroa de Soneto.

Correio Paulista, S. Paulo, 23-9-1956.

XI

LEDO IVO: Nasceu em Maceió, em 1924. Estudou em sua cidade natal e no Recife. Nesta capital tomou parte no I Congresso de Poesia (1941). Em 1943 mudou-se para o Rio exercendo o jornalismo. Bacharelou-se pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Funcionario do Ministerio do Trabalho, esteve em missão na capital francesa. Reside atualmente no Rio. Faz parte do Conselho Consultivo da Revista Brasileira de Poesia.

Antologias em que está incluído: Panorama da Nova Poesia Brasileira — Fernando F. de Loanda — Orfeu — Rio, 1951; Apresentação da Poesia Brasileira — Manuel Bandeira, 2.ª edição, Rio, sem data; Antologia de la Poesia Brasileira — Renato de Mendonça — Madrid — 1952; Antologia da Poesia Brasileira Moderna — Carlos B. Kopke — São Paulo — 1953; Liricas Brasileiras — José Osorio de Oliveira — Lisboa — 1954; An Introduction to Modern Brazilian Poetry — Leonard S. Downes — São Paulo — 1954; Anthologie de la Poésie Brésilienne Contemporaine — A. D. Tavares Bastos — Paris — 1954.

BIBLIOGRAFIA: (Poesia) — As Imaginações (1944); Ode e Elegia (1945), Premio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras; Ode ao Crepusculo (1948); Acontecimento do Soneto (1948) — obra impressa por João Cabral de Melo Neto, em prensa manual, em Barcelona; Cantico (1939); Ode à Noite (1950) — Com a reedição de Acontecimento do Soneto; Ode Equatorial (1951); Língua em (1951); Um Brasileiro em Paris e o Rei da Europa (1951).

ROMAN: — As Alianças (1947) Premiado pela Fundação Graça Sampaio; O Caminho sem Aventura (1948).

ENSAIO: Lição de Mario de Andrade (1952); O Poeta no Branco (1955) — exegese do poema de Manuel Bandeira de igual nome.

Correio Paulista, S. Paulo, 30-9-1956